



REVISTA COLETIVO CINE-FÓRUM

RECOCINE | v. 2 - n. 3 | set-dez | 2024 | ISSN: 2966-0513

Eduarda Gracília Ramos Pedroso Romagnolli Fattori

<https://orcid.org/0009-0001-7961-9978>

Graduada em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e mestranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua nas áreas de representação feminina, ordem patriarcal, interartes e intermedialidade.

Graduated in Literature from the Federal University of Technology – Paraná (UTFPR) and a Master's student in Literature at the Federal University of Paraná (UFPR). Works in the fields of female representation, patriarchal order, interarts, and intermediality.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

O PAPEL SOCIAL DA MULHER E A REVERSÃO DOS PODERES DE GÊNERO EM *BOLO DE NOZES*

RESUMO

A desvalorização feminina na sociedade é uma questão profundamente enraizada na lógica patriarcal, que há muito tempo impõe normas restritivas e negativas às mulheres, especialmente àquelas que se desviam das expectativas ditadas pelo universo masculino. Esta lógica se manifesta de várias maneiras, muitas vezes invisíveis, mas com impactos significativos na vida das mulheres. No estudo em questão, buscou-se explorar essas imposições sociais e as reviravoltas que elas provocam na dramaturgia, utilizando como objeto de análise a peça *Bolo de nozes* (1988), de Edla Van Steen. A escolha desta obra se justifica pela riqueza de elementos que ilustram as tensões entre as normas patriarcais e a resistência feminina. Para realizar essa análise, o estudo recorreu a uma série de textos teóricos, visando identificar e discutir as marcas do patriarcado presentes no desenrolar da trama. A relação entre Theo e as figuras femininas da peça, como Nina, Lili e Carlota, foi um dos focos principais, com uma atenção especial ao conflito entre Nina e Theo. Nina, como protagonista, representa a mulher que não se conforma com o papel submisso esperado pela sociedade e, em particular, por seu marido. Ela busca desviar-se do padrão patriarcal que caracteriza sua relação com Theo, o que gera um conflito central na peça. Esse embate revela muito sobre as expectativas masculinas em relação às mulheres e sobre a resistência feminina a essas expectativas. A partir da análise da peça, pôde-se compreender que *Bolo de nozes* não é apenas uma narrativa sobre relações pessoais, mas também uma crítica às estruturas sociais que limitam e moldam a experiência feminina. A trama desenvolve-se, portanto, em torno do esforço de Nina para desafiar e superar essas imposições, fazendo da peça um espaço de reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e as possibilidades de subversão das normas patriarcais.

Palavras-chave: *Bolo de nozes*. Dramaturgia. Edla Van Steen. Figuras femininas. Patriarcado.

THE SOCIAL ROLE OF WOMEN AND THE REVERSAL OF GENDER POWER IN *BOLO DE NOZES*

ABSTRACT

The devaluation of women in society is a deeply ingrained issue rooted in patriarchal logic, which has long imposed restrictive and negative norms on women, especially those who deviate from the expectations dictated by the male-dominated world. This logic manifests in various ways, often invisible, but significantly impacts women's lives. The study sought to explore these social impositions and the twists they provoke in dramaturgy, using the play *Bolo de nozes* (1988) by Edla Van Steen as the object of analysis. The choice of this work is justified by its rich elements that illustrate the tensions between patriarchal norms and female resistance. To carry out this analysis, the study drew on a series of theoretical texts, aiming to identify and discuss the marks of patriarchy present in the unfolding of the plot. The relationship between Theo and the female characters in the play, such as Nina, Lili, and Carlota, was one of the main focuses, with special attention given to the conflict between Nina and Theo. Nina, as the protagonist, represents the woman who does not conform to the submissive role expected by society and, in particular, by her husband. She seeks to deviate from the patriarchal pattern that characterizes her relationship with Theo, which generates a central conflict in the play. This clash reveals much about male expectations of women and female resistance to these expectations. Through the analysis of the play, it became clear that *Bolo de nozes* is not just a narrative about personal relationships but also a critique of the social structures that limit and shape the female experience. The plot, therefore, revolves around Nina's effort to challenge and overcome these impositions, making the play a space for reflection on the role of women in society and the possibilities of subverting patriarchal norms.

Keywords: *Bolo de nozes*. Dramaturgy. Edla Van Steen. Female Figures. Patriarchy.

INTRODUÇÃO

Edla van Steen foi uma autora brasileira amplamente reconhecida por suas contribuições à literatura e dramaturgia, recebendo diversos prêmios ao longo de sua carreira. Suas obras são conhecidas por abordarem temas sociais relevantes, com ênfase especial na crítica à estrutura social imposta às mulheres. Uma dessas obras, a peça *Bolo de nozes*, é um exemplo claro de como Van Steen (1998) utilizava sua escrita para explorar e denunciar as injustiças e limitações enfrentadas pelas mulheres em uma sociedade patriarcal. Este artigo se propõe a analisar as questões sociais que permeiam a vida feminina representada na obra, destacando a maneira como Van Steen constrói suas personagens e as dinâmicas de poder entre elas.

Para iniciar essa análise, é essencial compreender que o papel social da mulher, de maneira ampla, especialmente na cultura ocidental, sempre esteve ligado à esfera doméstica e ao cuidado dos filhos. Esse papel foi historicamente construído e reforçado por uma série de normas e expectativas sociais que ditavam o lugar da mulher na sociedade. Nas últimas décadas, no entanto, essas funções começaram a se transformar, acompanhando as mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que afetaram a sociedade como um todo. Apesar dessas mudanças, ainda há uma expectativa generalizada de que as mulheres assumam uma posição de submissão e servidão, especialmente dentro do ambiente familiar. Com base nessa premissa, este artigo investiga como essas expectativas são representadas em *Bolo de nozes* e de que maneira a peça questiona e subverte essas normas.

Além disso, o artigo busca examinar a inversão de poderes entre o casal principal da obra e o papel do sexo na relação de poder entre os personagens. A obra de Van Steen revela como o controle e a manipulação dentro das relações íntimas podem ser reflexos das dinâmicas de poder mais amplas presentes na sociedade. O estudo dos textos de filósofos e sociólogos como Michel Foucault (1988), Louis Althusser (1970) e Pierre Bourdieu (2012) fornece uma base teórica para comparar suas ideias com as situações apresentadas na peça. Através dessa análise, é possível interpretar as relações femininas em *Bolo de nozes* como parte de uma ideologia dominante que impõe às mulheres um papel de submissão em relação aos homens, penalizando-as quando tentam resistir ou desafiar essas imposições. Assim, a obra não só reflete, mas também critica a condição feminina, utilizando a dramaturgia como um meio de questionar e desestabilizar as normas patriarcais.

A OBRA - *BOLO DE NOZES*

A peça *Bolo de nozes* de Edla van Steen é estruturada em três atos que se passam em

diferentes períodos de tempo: 1968, 1977 e 1987. Esses momentos capturam o desenvolvimento e a deterioração das relações entre os personagens principais—Nina, Theo, Lili e Carlota—ao longo de quase duas décadas. Cada parte da peça não só avança na linha do tempo, mas também oferece uma visão mais profunda das complexidades das relações interpessoais e das pressões sociais e políticas que moldam as vidas dos personagens.

A primeira parte da peça se desenrola em 1968, um ano significativo tanto para a história pessoal dos personagens quanto para o contexto político do Brasil, marcado pelo início da ditadura militar. Aqui, encontramos Nina e Theo celebrando seu primeiro ano de casamento. Theo, um professor universitário e ex-professor de Nina, e ela, uma artista plástica promissora, vivem um momento de amor e esperança. O clima desta primeira parte é dominado por um romantismo jovem, refletido nos diálogos cheios de nostalgia e nos planos ambiciosos para o futuro. Mesmo em meio ao romance, há menções sutis ao cenário político do país, oferecendo uma camada adicional de tensão ao ambiente aparentemente idílico.

A segunda parte da peça, ambientada em 1977, revela um cenário muito diferente. Agora, no décimo aniversário de casamento de Nina e Theo, o clima de discórdia é evidente desde o início. As discussões entre o casal refletem não apenas as tensões do relacionamento, mas também as pressões externas, como a cassação de Theo na universidade e sua relutância em ajudar Nina a administrar a malharia da família, que ela herdou após a morte dos pais. O desgaste emocional entre os dois é palpável, com Nina esquecendo-se do aniversário de casamento e sendo lembrada do evento pela chegada surpresa de suas irmãs, Lili e Carlota. Esta parte da peça destaca como os sonhos e esperanças do início do casamento se desintegram frente às dificuldades da vida real e às expectativas sociais.

A terceira e última parte, situada em 1987, mostra o completo colapso do casamento de Nina e Theo. A relação entre os dois se deteriorou a tal ponto que Theo está envolvido romanticamente com Carlota, enquanto Nina busca sua independência, tanto emocional quanto profissional. Ela está se preparando para se separar de Theo e inicia um relacionamento com Raul, que também tem uma ligação com Lili. Este ato final não só explora a fragmentação das relações interpessoais, mas também as escolhas de vida dos personagens: Theo, fiel a suas convicções ideológicas, recusou a chance de retornar à universidade, optando por dar aulas particulares, enquanto Nina prospera na administração da malharia, mostrando sua capacidade de adaptação e crescimento.

A peça culmina de forma abrupta e trágica. Uma ligação anuncia que a malharia está pegando fogo, e as irmãs, em um gesto de ironia ou resignação, cantam "Parabéns" para Theo,

enquanto o som de um tiro ecoa no fundo. Este final abrupto e dramático deixa uma sensação de desespero e impotência, sugerindo a inevitabilidade do colapso, tanto das relações pessoais quanto das instituições e sonhos que uma vez foram tão importantes para os personagens.

O PAPEL DE SUBMISSÃO DA MULHER NA ESTRUTURA SOCIAL

O papel social da mulher tem passado por transformações significativas, especialmente nas últimas décadas, com o avanço dos movimentos feministas, mudanças nas leis de igualdade de gênero, e o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e na esfera pública. No entanto, apesar dessas conquistas e das transformações culturais e sociais, certos aspectos desse papel permanecem praticamente inalterados. Um dos exemplos mais evidentes dessa continuidade é o papel atribuído à mulher dentro do ambiente doméstico e na dinâmica das relações entre homem e mulher, particularmente no contexto do casamento.

Dentro do lar, a mulher ainda é frequentemente vista como a principal responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos, mesmo quando ela também exerce atividades fora de casa. Essa expectativa se mantém como uma norma social que, embora tenha sido questionada e contestada, ainda resiste em muitas culturas e classes sociais. No contexto do casamento, essa desigualdade é ainda mais evidente. Tradicionalmente, as relações entre os sexos são estruturadas em uma base hierárquica, no qual o homem é frequentemente colocado em uma posição de autoridade e controle sobre a mulher. Essa dinâmica de poder, que Costa (2008) observa como um aspecto pervasivo das relações de gênero, sustenta a ideia de que o homem deve ser o provedor e a figura dominante, enquanto a mulher ocupa uma posição de subordinação.

Mesmo com a crescente conscientização e os esforços para promover a igualdade de gênero, essas estruturas de poder continuam a influenciar as expectativas sociais e os comportamentos dentro dos relacionamentos heterossexuais. A permanência dessas normas reflete a dificuldade de superar séculos de construções culturais e ideológicas que moldaram as identidades de gênero de forma rígida e desigual. Essa persistência não só reforça a posição de domínio do homem sobre a mulher, mas também perpetua um sistema de valores que naturaliza a desigualdade, tornando a mudança uma tarefa complexa e gradual. Assim, enquanto o papel social da mulher está em evolução, ele ainda enfrenta barreiras significativas que o mantêm preso a padrões tradicionais de subordinação dentro do contexto doméstico e das relações conjugais.

Como já vimos em muitas outras oportunidades, esta subalternidade, determinante na condição feminina, é fruto do seu papel de gênero. Sabemos que a sociedade através de suas instituições (aparelhos ideológicos), da cultura, das crenças e tradições, do sistema educacional, das leis civis, da divisão sexual e social do trabalho, constrói mulheres e homens como sujeitos bipolares, opostos e assimétricos: masculino e feminino envolvidos em uma relação de domínio e subjugação.

[...] Isso significa dizer que o domínio patriarcal (masculino) apresenta na sociedade distintas manifestações. Ele está presente no cotidiano do mundo doméstico e do mundo público. Não é preciso praticar a discriminação aberta contra a mulher ou a violência explícita para demonstrar sua presença na medida em que esse poder de gênero está assegurado através dos privilégios masculinos e das desigualdades entre homens e mulheres (Costa, 2005, p. 3-4).

A citação de Costa (2008) oferece uma reflexão profunda sobre a condição feminina e a maneira como a subalternidade das mulheres é construída e perpetuada na sociedade. Ao afirmar que essa subalternidade é um produto direto do papel de gênero imposto às mulheres, o autor nos lembra de como a sociedade utiliza suas instituições—o que Althusser (1970) chamou de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)—para criar e reforçar identidades de gênero que são fundamentalmente assimétricas. Essas instituições, que incluem a família, a escola, as tradições culturais e religiosas, bem como o sistema legal, operam de forma a consolidar uma divisão bipolar entre o masculino e o feminino: o primeiro é associado ao poder e à autoridade, e o segundo à submissão e à passividade.

Costa (2008) destaca que o domínio patriarcal se manifesta de maneiras tanto sutis quanto explícitas, permeando tanto o mundo doméstico quanto o público. Esta onipresença do poder masculino significa que, mesmo na ausência de discriminação aberta ou violência contra as mulheres, a desigualdade de gênero continua a ser uma realidade constante. A citação sugere que o patriarcado não precisa se afirmar de forma agressiva para ser eficaz; ao contrário, ele se sustenta por meio dos privilégios que os homens desfrutam e das desigualdades estruturais que são profundamente enraizadas nas normas sociais.

O comentário de Costa (2008) também sublinha a ideia de que as identidades de gênero são construções sociais, e que, por serem construídas dessa maneira, elas podem ser desconstruídas e transformadas. No entanto, essa transformação é complexa, dado que as desigualdades de gênero estão naturalizadas na cultura e nas instituições sociais, tornando-se parte do "senso comum". Ao reconhecer que o domínio patriarcal é assegurado de forma sutil e institucional, a citação nos desafia a refletir sobre as maneiras pelas quais essas estruturas de poder podem ser questionadas e eventualmente subvertidas, promovendo uma sociedade mais equitativa e justa para todos os gêneros.

Além disso, a visão subalternizada da mulher é reforçada e legitimada por mecanismos ideológicos que operam de forma insidiosa e eficaz dentro da sociedade, os quais Louis Althusser (1970) denomina como Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Esses aparelhos consistem em instituições fundamentais, como a família, a escola, as religiões, os meios de comunicação, e o sistema legal, entre outros, que desempenham um papel crucial na reprodução das ideologias dominantes. Segundo Althusser (1970), essas instituições não apenas disseminam e reforçam as normas e valores que servem aos interesses daqueles que detêm o poder, mas também moldam as percepções e comportamentos dos indivíduos de maneira que estes internalizem e aceitem essas normas como naturais e inevitáveis.

A família, em particular, é destacada por Althusser (1970) como um dos principais AIEs, desempenhando um papel central na transmissão das expectativas de gênero. Desde a infância, meninos e meninas são socializados para ocupar papéis específicos dentro dessa estrutura hierárquica: os meninos são preparados para exercer autoridade e liderança, enquanto as meninas são educadas para a submissão, o cuidado e a manutenção do lar. Essa socialização inicial é fundamental para a perpetuação das relações de poder desiguais entre os gêneros, pois estabelece as bases para a aceitação de uma ordem social que coloca o masculino em posição de superioridade em relação ao feminino.

Se os AIE «funcionam» de maneira massivamente prevalente pela ideologia, o que unifica a sua diversidade é precisamente este funcionamento, na medida em que a ideologia pela qual funcionam é sempre unificada apesar das suas contradições e da sua diversidade, na ideologia dominante que é a da «classe dominante» (Althusser, 1970, p. 48).

Althusser (1970) nos revela é o poder dos AIEs em moldar a consciência e o comportamento dos indivíduos de uma maneira que favorece a manutenção da estrutura de poder existente. Essa operação ideológica sutil e eficaz é um dos pilares da dominação social, pois ela legitima e naturaliza as relações de poder, tornando-as parte do senso comum e, portanto, difíceis de contestar

Neste contexto, a classe dominante é identificada como a classe masculina, que se beneficia diretamente da ideologia patriarcal para manter e reforçar a estrutura social existente. O patriarcado, enquanto sistema de dominação masculina, cria e perpetua normas e práticas que asseguram a subordinação das mulheres em relação aos homens, consolidando a desigualdade de gênero de maneira sistemática. A ideologia patriarcal não é apenas uma crença ou um conjunto de normas explícitas, mas um complexo sistema que se infiltra em todos os aspectos da vida social e cultural, moldando as percepções e comportamentos de forma insidiosa.

Para Pierre Bourdieu (2012), a imposição patriarcal se manifesta de maneira indireta, utilizando símbolos e práticas culturais que são frequentemente percebidos como naturais e inofensivos, mas que têm um impacto profundo e duradouro sobre as relações de gênero. Esses símbolos podem incluir a linguagem, os comportamentos cotidianos, as representações culturais e os valores sociais que reforçam a superioridade masculina e a subordinação feminina. Por exemplo, os papéis de gênero tradicionalmente atribuídos, as expectativas sociais sobre a aparência e o comportamento das mulheres, e as normas que limitam as oportunidades e os direitos das mulheres são todos aspectos que operam por meio de um simbolismo sutil.

Através desse simbolismo, a ideologia patriarcal se torna mais difícil de contestar, uma vez que muitas dessas normas e expectativas são internalizadas desde cedo e apresentadas como parte do senso comum. As práticas que reforçam a subordinação feminina são muitas vezes naturalizadas e invisibilizadas, fazendo com que a desigualdade de gênero pareça uma consequência inevitável da natureza humana, e não o resultado de um sistema social construído e mantido por interesses específicos.

Bourdieu (2012) argumenta que essa forma de dominação é mais eficaz porque opera através de uma "violência simbólica" que não é explícita ou física, mas que tem um poder igualmente coercitivo. A violência simbólica se manifesta na forma como as normas sociais e culturais são internalizadas e aceitas como legítimas, moldando a forma como as mulheres percebem seu próprio papel e suas possibilidades na sociedade. Assim, a classe dominante masculina consegue manter seu poder e privilégio de maneira discreta, mas extremamente eficaz, perpetuando um sistema de desigualdade que parece autoevidente e imutável.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (Bourdieu, 2012, p. 18).

Pierre Bourdieu (2012) destaca como a ordem patriarcal masculina se estabelece como uma estrutura social naturalizada que não necessita de justificativa explícita. Bourdieu (2012) argumenta que a visão androcêntrica é imposta como uma norma neutra e universal, tornando-

se uma parte intrínseca das práticas sociais e culturais. Essa naturalização ocorre porque a ideologia patriarcal está profundamente enraizada, tornando-se invisível e, portanto, percebida como a norma natural da sociedade.

Bourdieu (2012) descreve a sociedade como uma “máquina simbólica” que perpetua a dominação masculina por meio de práticas e estruturas que são frequentemente aceitas como naturais. A divisão de trabalho, por exemplo, é estrita e reflete uma atribuição desigual de responsabilidades: as mulheres são frequentemente encarregadas do trabalho doméstico e do cuidado familiar, enquanto os papéis de liderança e produção pública são predominantemente masculinos. Essa divisão contribui para a manutenção da desigualdade de gênero ao restringir as oportunidades e o reconhecimento das mulheres.

A estrutura espacial também reforça a hierarquia de gênero, com espaços de poder e decisão, como o mercado e a política, dominados por homens, e a casa, junto com as atividades domésticas, associada às mulheres. Dentro do ambiente doméstico, a divisão do espaço entre áreas masculinas e femininas reforça a ideia de que os espaços de poder são masculinos.

Além disso, o ciclo de vida e as etapas da vida são estruturados de acordo com normas de gênero, com momentos significativos e públicos associados aos homens e as experiências femininas, como a gestação, confinadas ao âmbito privado.

A força dessa estrutura reside na sua capacidade de se manifestar de maneira implícita e automática, fazendo com que a desigualdade de gênero pareça uma parte natural da ordem social. A ideologia androcêntrica não precisa ser explicitamente defendida, pois está incorporada e aceita como parte do senso comum. Bourdieu (2012) sugere que a análise crítica dessas normas e práticas pode revelar e questionar as bases da dominação patriarcal, desafiando as estruturas que sustentam a desigualdade de gênero.

Posto isso, pode-se compreender que o papel da mulher, conforme construído e internalizado na cultura ocidental, é profundamente entrelaçado com a ideologia patriarcal que impõe a submissão das mulheres em relação aos homens. Essa ideologia, que permeia diversas esferas da vida social, econômica e política, estabelece que o feminino deve ocupar uma posição subordinada e dependente, enquanto o masculino é visto como o padrão de autoridade e liderança.

Dentro desse sistema, as características e funções atribuídas ao feminino são sistematicamente desvalorizadas. O que é considerado feminino não apenas é relegado a uma posição inferior, mas frequentemente é ridicularizado ou desmerecido quando comparado ao que é visto como masculino. Essa desvalorização se manifesta de várias maneiras, desde a

representação cultural e a linguagem até as práticas institucionais e sociais. Por exemplo, as atividades e competências tradicionalmente associadas às mulheres, como o cuidado e o trabalho doméstico, são frequentemente minimizadas e não recebem o mesmo reconhecimento ou compensação que as funções associadas aos homens, como a liderança e a produção pública.

Além disso, essa dinâmica de desvalorização é reforçada por meio de estereótipos e normas sociais que perpetuam a ideia de que o masculino é o ideal de força, competência e racionalidade, enquanto o feminino é associado à fraqueza, emocionalidade e irracionalidade. Esses estereótipos não apenas justificam a desigualdade existente, mas também impedem a mudança ao manter as mulheres em uma posição de inferioridade e os homens em uma posição de privilégio.

A internalização dessas normas e valores faz com que a desigualdade de gênero pareça uma característica inata e inevitável, em vez de uma construção social passível de transformação. Como resultado, a posição da mulher na sociedade continua a ser moldada por uma ideologia que perpetua a dominação masculina e a subordinação feminina, reforçando uma estrutura de poder que favorece a continuidade das desigualdades de gênero. Para superar essas desigualdades, é necessário um exame crítico e uma desconstrução dessas normas sociais e culturais, promovendo uma reavaliação dos papéis de gênero e uma valorização equitativa das contribuições de todos os indivíduos, independentemente de seu gênero.

A INVERSÃO DE PODERES ENTRE NINA E THEO

Nas duas primeiras partes da peça, a dinâmica entre Theo e Nina é reveladora de uma relação de poder que é claramente construída socialmente. Inicialmente, a estrutura de poder é inequívoca, com Theo assumindo uma posição hierárquica superior na relação. Esta supremacia masculina é evidenciada pelo modo como Nina se submete às decisões e preferências de Theo. Um exemplo notável dessa subordinação ocorre quando Nina, ao lidar com a gravidez, permite que Theo assumira o controle das decisões relacionadas a esse aspecto pessoal e significativo de suas vidas. Da mesma forma, Nina deixa Theo determinar se o casal deve ou não viajar para o exterior, demonstrando uma deferência que reflete a hierarquia masculina predominante.

Na primeira parte da peça, essas dinâmicas de poder são manifestadas em vários aspectos da vida do casal, no qual Theo exerce controle não apenas sobre as decisões financeiras, mas também sobre as direções importantes da vida de ambos. A forma como Nina concede a Theo a autoridade em questões cruciais evidencia a internalização de normas

patriarcais que priorizam a voz masculina sobre a feminina, reforçando a ideia de que as mulheres devem se submeter aos desejos e decisões dos homens.

Porém, na segunda parte da peça, uma mudança significativa começa a ocorrer na relação entre Theo e Nina. O cenário muda quando Theo decide abrir mão de sua posição de superioridade e delegar a Nina o controle da fábrica, o que inclui também o controle financeiro da família. Esta mudança representa uma inversão importante na estrutura de poder estabelecida anteriormente. A decisão de Theo de permitir que Nina assuma essas responsabilidades e, por conseguinte, uma posição de maior autonomia, sinaliza um reconhecimento tácito da capacidade de Nina de gerenciar e tomar decisões importantes, desafiando a hierarquia tradicional que ele mesmo havia estabelecido.

Essa alteração na dinâmica de poder ilustra uma reavaliação das normas de gênero e dos papéis tradicionais que moldaram a relação do casal até aquele momento. A transformação gradual na relação entre Theo e Nina não apenas reflete a evolução da dinâmica pessoal entre eles, mas também pode ser vista como um microcosmo das mudanças sociais mais amplas que questionam e redefinem as estruturas de poder de gênero na sociedade.

NINA - Entendi. O sacrifício deve ser meu, não é? THÉO - Sinto muito, Nina. Mas não vejo outra saída. Fracassei no meu ramo... NINA - Aí é que está. Você podia se realizar fazendo outra coisa. THÉO - E fracassar de novo? Não, obrigado. Eu gosto de dar aulas e de estudar. Só para isso que eu tenho algum talento, entendeu? NINA - Na hora que eu mais necessito, você me abandona e não abre mão de fazer aquilo que gosta. Você não é mais o homem com quem me casei. E um egoísta. THÉO - Desculpe, você escolheu o homem errado. NINA - Acho que sim. Me enganei. THÉO - Você não é também a mulher que eu pensava. (Van Steen, 1998, p. 8)

No entanto, a decisão de Theo de abrir mão de seu papel dominante ocorre de forma inconsciente e é marcada por uma ambiguidade significativa. Theo opta por delegar a Nina o controle da fábrica e, conseqüentemente, das finanças da família, mas essa decisão é realizada sem uma real reflexão sobre o impacto profundo dessa mudança na dinâmica de poder entre eles. Ele parece agir movido mais por uma necessidade de evitar confrontos diretos e manter sua situação confortável do que por uma verdadeira vontade de promover uma redistribuição de poder.

Theo está imerso em uma posição de privilégio que lhe confere um nível de conforto e prestígio, como evidenciado por sua posição de professor universitário. Essa posição não apenas assegura seu *status* social, mas também alimenta seu ego, fornecendo-lhe uma identidade pública que ele valoriza imensamente. A ideia de abrir mão dessa distinção, ou mesmo de se ver reduzido a uma posição de menor autoridade, é algo que Theo evita a todo

custo. Ele não está disposto a sacrificar sua posição de prestígio ou a enfrentar a possibilidade de que essa mudança possa abalar sua autoimagem e o reconhecimento social que recebeu ao longo dos anos.

Além disso, a disposição de Theo para transferir responsabilidades financeiras e de gestão para Nina, sem uma real consideração ou reconhecimento do impacto que isso pode ter em seu próprio papel e identidade, sugere uma falta de compromisso genuíno com a igualdade de gênero. A transferência de responsabilidade é realizada mais como uma forma de evitar conflitos ou desconforto pessoal do que como um passo consciente em direção à equidade e à redistribuição do poder.

Em suma, Theo age de maneira a preservar sua posição de conforto e prestígio, enquanto tenta suavizar as tensões na relação. No entanto, sua falta de disposição para enfrentar a realidade de uma mudança real e significativa na estrutura de poder revela uma resistência implícita à verdadeira transformação das normas de gênero e ao impacto que isso poderia ter em sua identidade e prestígio pessoal.

Na parte final da peça, os papéis de poder entre Theo e Nina são explicitamente invertidos, marcando uma reconfiguração significativa na dinâmica da relação conjugal e econômica do casal. A consolidação de Nina na posição de diretora da fábrica representa uma mudança drástica, na qual ela assume o controle das finanças e das decisões econômicas da família. Esta mudança estabelece Nina como a principal detentora do poder econômico dentro da relação, uma virada notável em comparação com a estrutura anterior na qual Theo dominava essas esferas.

No entanto, apesar dessa inversão econômica e do avanço de Nina para uma posição de maior autonomia e influência externa, as relações de poder dentro da esfera conjugal e doméstica continuam a refletir a influência das normas patriarcais, embora de maneira abalada. A transição para uma nova configuração de poder não elimina automaticamente os padrões profundamente enraizados de dominação masculina que persistem no contexto do relacionamento pessoal e das interações diárias entre os cônjuges. A estrutura de poder ainda é moldada por velhos hábitos e expectativas, evidenciando que mudanças no domínio econômico não necessariamente se traduzem em uma alteração profunda e imediata das dinâmicas de poder pessoal e emocional.

Costa (2018) explora como os movimentos feministas do século XX foram fundamentais para facilitar a entrada das mulheres no mercado de trabalho, permitindo-lhes ocupar posições de maior visibilidade e influência econômica. Esses movimentos promoveram

mudanças legislativas e culturais que abriram portas para a igualdade no emprego e na remuneração, possibilitando que as mulheres desafiassem a antiga estrutura patriarcal que as confinava a papéis de subordinação e dependência financeira. Apesar desses avanços no mercado de trabalho, Costa também observa que, no ambiente doméstico, muitas mulheres ainda enfrentavam expectativas tradicionais que as relegavam a posições de submissão.

Esse contraste entre os avanços no mercado de trabalho e a persistência das normas patriarcais no âmbito doméstico reflete uma realidade complexa cuja igualdade econômica não necessariamente resulta em uma igualdade total de poder e respeito dentro do lar. Assim, enquanto Nina consegue ganhar poder econômico e profissional, as questões de poder e controle nas esferas íntimas e domésticas continuam a ser uma batalha em aberto, sublinhando a necessidade de uma transformação mais abrangente que aborde tanto as dimensões públicas quanto privadas da desigualdade de gênero.

[...] Na verdade, muitos deles [direitos] conseguiram ampliar a renda familiar, garantir o acesso das mulheres à saúde, a educação etc., mas não proporcionaram mudanças significativas na posição das mulheres. Estas continuaram subjugadas, excluídas de qualquer esfera de decisão e autonomia. Não podemos esquecer que a incorporação massiva das mulheres no mercado de trabalho, em especial na indústria, apesar de garantir um incremento na renda familiar e retirar a mulher do isolamento doméstico, não proporcionou uma autonomia do sujeito feminino ou qualquer divisão sexual do trabalho. Acarretou, isso sim, numa sobrecarga de trabalho (a segunda jornada), num aumento de responsabilidades, no abandono dos filhos, uma maior vulnerabilidade ao assédio e a violência sexual (Costa, 2018, p. 5).

Nina não se encaixa perfeitamente na descrição de Costa (2018) sobre a mulher da classe trabalhadora, uma vez que ela pertence à classe burguesa e é proprietária de um meio de produção significativo, a malharia. Esse posicionamento econômico e social diferencia Nina das trabalhadoras fora de casa, conferindo-lhe uma distinção e um grau de autonomia que parecem descolar a dinâmica de poder de gênero tradicional. No entanto, essa distinção econômica não se traduz em uma emancipação completa dentro do âmbito doméstico. Apesar de seu papel como gerente da malharia e sua posição econômica privilegiada, Nina continua a enfrentar os constrangimentos impostos pela ideologia patriarcal dentro do espaço privado.

Dentro de casa, a tentativa de Theo de manter Nina em uma posição subordinada reflete uma persistência das normas patriarcais, independentemente de suas conquistas externas. À medida que Theo experimenta a perda de seu papel tradicional de provedor e a consequente diminuição de seu poder sobre o ambiente doméstico, ele busca maneiras de restaurar seu controle, ainda que de forma simbólica e dissimulada. Esse esforço para reafirmar sua posição

dominante se manifesta através da violência simbólica, um conceito elucidado por Pierre Bourdieu (2012) e discutido por Costa (2008).

A violência simbólica que Theo exerce sobre Nina se manifesta de várias maneiras sutis, mas profundamente impactantes. Entre essas formas, estão a negação de atenção e o controle sobre a vida sexual de Nina, estratégias que visam reafirmar seu poder e manter a dinâmica de submissão. Ao impor esses controles, Theo tenta recuperar um sentido de autoridade e domínio que se vê ameaçado pela mudança na estrutura de poder econômico. A violência simbólica, conforme descrita por Costa (2008), é uma forma encoberta e insidiosa de manutenção de poder, que se diferencia da violência física explícita por sua capacidade de ser integrada nas interações cotidianas e nas expectativas sociais.

Costa (2008) descreve essa violência simbólica como uma estratégia de poder que opera através de mecanismos sutis e muitas vezes invisíveis, projetando-se para preservar a hierarquia social estabelecida e garantir que as desigualdades de gênero sejam mantidas mesmo em contextos em que as mudanças econômicas e sociais parecem desafiar a ordem tradicional. A persistência da violência simbólica, portanto, reflete a complexidade da luta pela igualdade de gênero, cujos avanços externos podem coexistir com a manutenção de estruturas de poder dissimuladas e profundamente enraizadas no contexto doméstico.

Isso significa dizer que o domínio patriarcal (masculino) apresenta na sociedade distintas manifestações. Ele está presente no cotidiano do mundo doméstico e do mundo público. Não é preciso praticar a discriminação aberta contra a mulher ou a violência explícita para demonstrar sua presença na medida em que esse poder de gênero está assegurado através dos privilégios masculinos e das desigualdades entre homens e mulheres. (Costa, 2008, p.4)

No último diálogo entre Theo e Nina, a insatisfação e o ressentimento de Theo em relação à inversão de poder que ocorreu entre eles se manifestam de maneira explícita e emocional. Ele expressa seu descontentamento ao afirmar: “THÉO - Então, o que não tem remédio, remediado está. Perdi coisas mais importantes na minha vida: fui capado como ser humano.” Essa declaração revela a profundidade do desconforto de Theo com a mudança na dinâmica de poder e o impacto psicológico que isso teve sobre ele. Theo não apenas se sente ameaçado pela ascensão de Nina, mas também pela perda de seu *status* tradicional de provedor e figura dominante na relação.

Para Theo, a inversão de papéis é não apenas uma mudança econômica, mas uma questão profundamente pessoal que atinge sua identidade e autoimagem. Ele se vê como um "capado", no sentido metafórico de ter sido castrado de sua autoridade e prestígio. A metáfora

de ser "capado como ser humano" sugere que Theo sente que sua identidade e valor pessoal foram severamente diminuídos pela mudança na estrutura de poder, refletindo uma sensação de impotência e diminuição que transcende o plano meramente econômico.

Theo fica profundamente incomodado ao ver Nina ocupando o papel que ele tradicionalmente deveria desempenhar: ela vai trabalhar e sustenta a casa, enquanto ele se vê confinado ao ambiente doméstico. A inversão das funções, em que Nina ganha prestígio e reconhecimento profissional, enquanto Theo luta para se manter em uma posição de menor importância, como dar aulas particulares, exacerba ainda mais seu sentimento de inadequação. Essa mudança faz com que Theo desmereça os esforços e as conquistas de Nina. Ele minimiza suas contribuições, desconsiderando a importância do trabalho que mantém a família e rejeita suas tentativas de auxiliá-lo, subestimando a magnitude de sua própria dependência do sucesso e da segurança financeira proporcionados por Nina.

Theo vê a presença de Nina no mercado de trabalho e sua ascensão profissional como uma ameaça direta à sua masculinidade e posição social. A recusa em reconhecer os esforços de Nina reflete uma resistência a aceitar a nova realidade e uma tentativa de preservar a hierarquia tradicional, mesmo quando o trabalho e o sustento da família são, paradoxalmente, garantidos pela contribuição de Nina. A incapacidade de Theo em reconhecer e valorizar o trabalho de Nina ilustra uma atitude profundamente enraizada nas normas patriarcais que ainda definem seu entendimento de valor e poder dentro da relação. Essa dinâmica destaca a complexidade das questões de poder e identidade em jogo, na qual as transformações externas não garantem automaticamente a transformação das percepções internas e das relações de poder.

THÉO - E, sim. Você me queria lá na fábrica, fingindo ter dado a volta por cima nos problemas da universidade. Eu, o infeliz professor cassado, transformado em medíocre executivo, em marido da presidente, de terno e gravata, almoçando com gerentes de bancos, com fornecedores, fazendo pose de eficiente, de bem sucedido - o carro possante último tipo estacionado na garagem - e que chega em casa exausto, louco para tomar um porre e esquecer o prostituto que se tornou. NINA - Você se sente muito melhor, assim como está? THÉO - Pelo menos posso olhar minha cara no espelho sem sentir nojo de mim. NINA - Entendo. Falando francamente, aprendi a gostar da fábrica. Não me pesa mais. (Van Steen, 1998, p. 28).

Nina fez uma escolha significativa ao abrir mão de sonhos e aspirações pessoais para apoiar Theo e manter a estabilidade familiar. Ela sacrificou suas próprias ambições e oportunidades para que Theo pudesse seguir com seus objetivos profissionais e manter sua posição tradicional de provedor e figura dominante. Este ato de renúncia demonstra o

compromisso de Nina com a relação e a família, refletindo uma dedicação que muitas vezes é invisibilizada ou desvalorizada dentro de dinâmicas patriarcais.

Em contraste, Theo não apenas recusou a abrir mão de suas próprias ambições, mas também usou o sacrifício de Nina como um ponto de crítica contra ela. Em vez de reconhecer e valorizar o esforço e a renúncia de Nina, Theo a utiliza como um meio de justificar seu próprio ressentimento e insatisfação. Ele critica Nina e desmerece suas conquistas e esforços, usando sua posição de poder para desvalorizar o trabalho que sustenta a família. Essa atitude revela uma falta de empatia e um profundo egoísmo, no qual o sacrifício de Nina é reificado para alimentar suas próprias inseguranças e ressentimentos.

A resistência de Theo a aceitar a mudança na dinâmica de poder e sua recusa em reconhecer os esforços e sacrifícios de Nina são impulsionadas por um ego ferido. O fato de que o papel masculino tradicional de Theo foi abalado resulta em um ataque à sua identidade e ao seu senso de valor pessoal. A alteração das normas de gênero e a ascensão de Nina ao papel de provedor desafiam as expectativas que Theo tem de si mesmo e de sua posição social, provocando uma crise de ego que se manifesta em críticas e desdém direcionados a Nina.

A ferida no ego de Theo é uma expressão clara da dificuldade em lidar com a perda do *status* masculino e com a alteração das expectativas sociais que definem sua masculinidade. Em vez de enfrentar essa mudança e reconhecer a realidade da nova configuração de poder, Theo escolhe usar a própria vulnerabilidade para atacar e criticar Nina, desviando a atenção de suas próprias inseguranças e fracassos. Esse comportamento sublinha a complexidade das dinâmicas de poder e identidade em uma relação em que os papéis de gênero e as expectativas sociais desempenham um papel central na configuração das interações e das percepções mútuas.

O SEXO COMO PODER

Apesar de ter perdido o poder econômico dentro da relação conjugal, Theo ainda manteve um significativo controle sobre o poder sexual no casamento. Embora Nina tenha assumido o papel de provedor e gerente da malharia, Theo preservou a capacidade de exercer controle sobre a vida sexual do casal, utilizando esse domínio como uma das últimas formas de reafirmar sua autoridade e influência.

O controle sobre a sexualidade é particularmente significativo em contextos de desequilíbrio de poder, uma vez que a esfera sexual frequentemente representa uma das últimas fronteiras em que o poder masculino pode se manifestar e ser exercido de maneira explícita. Theo, ao reter o controle sobre a intimidade e as relações sexuais dentro do casamento, tenta

manter uma forma de domínio que não é facilmente visível ou desafiada pela dinâmica econômica alterada. A capacidade de decidir se e quando buscar Nina para atividades sexuais permite a Theo continuar a exercer um controle simbólico e emocional sobre ela, mesmo quando suas outras formas de poder e autoridade foram enfraquecidas.

Essa estratégia de Theo está alinhada com a teoria de Michel Foucault (1988) sobre o controle da sexualidade como uma forma eficaz de dominação e controle dos indivíduos. Foucault argumenta que a sexualidade é uma área crucial na qual o poder se manifesta e se perpetua, pois regula comportamentos e estabelece normas sociais que vão além das dimensões econômicas e políticas. Ao controlar a sexualidade, Theo não apenas busca reafirmar sua posição de poder dentro da relação, mas também exerce um controle que afeta profundamente a identidade e o bem-estar de Nina.

O domínio sexual, nesse contexto, serve como uma ferramenta para reforçar a hierarquia de gênero e manter a subordinação feminina. O controle da sexualidade é uma forma insidiosa de poder que pode operar de maneira discreta, mas que tem um impacto profundo na dinâmica de poder e nas relações interpessoais. Ao restringir ou dirigir a vida sexual de Nina, Theo busca recuperar um senso de controle e prestígio que foi comprometido pela mudança econômica, evidenciando como o poder pode ser exercido através de múltiplas camadas de interação social e pessoal. Essa prática demonstra a persistência das normas patriarcais, que não são facilmente desfeitas mesmo quando outros aspectos da relação são transformados.

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (Foucault, 1988, p. 99).

Além disso, Theo se envolve em um *affair* com Carlota como uma estratégia para restabelecer sua sensação de poder e controlar a situação em que se vê deslocado. O relacionamento com Carlota é significativo por várias razões. Primeiro, Carlota se posiciona como submissa e subalterna em relação a Theo, refletindo o tipo de dinâmica que ele deseja reafirmar após a perda de seu poder econômico e sua incapacidade de controlar a vida sexual de Nina. Ao manter Carlota em um papel de completa subordinação, Theo procura reafirmar sua masculinidade e autoridade em um cenário em que essas qualidades estão em crise.

O relacionamento extraconjugal com Carlota não só serve como um meio para Theo recuperar um senso de controle e domínio, mas também intensifica a competição com Nina. Theo vê seu envolvimento com Carlota como uma forma de afirmar sua virilidade e influência sexual, contrastando com a situação de Nina, que está buscando satisfação sexual fora do

casamento. Esse comportamento é uma tentativa de restaurar um equilíbrio de poder, na medida em que Theo se esforça para mostrar que ainda possui uma posição superior na esfera sexual, mesmo que essa demonstração seja fora do casamento.

Theo experimenta um agravamento de sua crise de poder quando percebe que não controla mais a vida sexual de Nina e que ela está encontrando satisfação sexual em outros relacionamentos. Esse sentimento de perda é exacerbado pela consciência de que Carlota, que ele vê como uma substituta ideal para o papel submisso de Nina, está agora no centro de sua experiência sexual. A perda de controle sobre a vida sexual de Nina e a descoberta de que ela está buscando e encontrando prazer fora do casamento representa a última linha de defesa do poder de Theo dentro do relacionamento conjugal, que agora está completamente comprometida.

O *affair* com Carlota, portanto, não é apenas uma tentativa de Theo de recuperar um senso de poder e controle, mas também uma forma de demonstrar sua capacidade de manter uma relação sexual que reafirma sua masculinidade e posição. A dificuldade de Theo em aceitar a autonomia sexual de Nina e sua própria impotência frente a essa nova realidade evidenciam a fragilidade das estruturas de poder tradicionais e a profundidade do impacto que a mudança nas dinâmicas de relacionamento pode ter sobre a identidade e o ego masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a análise das relações entre homens e mulheres revela uma estrutura hierárquica profundamente enraizada na sociedade, cuja perpetuação é sustentada por ideologias criadas especificamente para manter o poder e o controle nas mãos dos homens. Essas ideologias são elaboradas para reforçar e justificar a desigualdade de gênero, criando um sistema em que as necessidades e facilidades são desenhadas para beneficiar predominantemente o lado masculino. Essa estrutura não apenas define os papéis e expectativas sociais para homens e mulheres, mas também legitima e institucionaliza a desigualdade de maneira a assegurar a continuidade do domínio masculino.

Dentro desse contexto, a peça *Bolo de nozes* se apresenta como uma expressão dramática das hierarquias sociais que influenciam profundamente o ambiente doméstico. A obra não apenas reflete a realidade de como essas estruturas de poder se manifestam nas relações interpessoais dentro do lar, mas também ilustra a forma como as expectativas ideológicas impostas às mulheres são desafiadas e contornadas. A tentativa de Nina, a protagonista, de se libertar dessas expectativas e afirmar sua autonomia demonstra a resistência

feminina contra um sistema que prioriza e protege o poder masculino. Essa resistência não só desafia a estrutura de poder patriarcal, mas também abala a confiança e o ego dos homens que se veem ameaçados pela mudança.

Portanto, *Bolo de nozes* funciona como uma crítica contundente à perpetuação das hierarquias de gênero e à imposição de papéis sociais que sustentam a desigualdade. A peça explora como a busca da mulher por emancipação e a quebra das expectativas tradicionais não apenas afeta as dinâmicas de poder no relacionamento, mas também questiona e desestabiliza o *status quo* que sustenta o domínio masculino. Através da narrativa e das interações dos personagens, a obra evidencia a tensão entre a necessidade de mudança social e a resistência a essa mudança, proporcionando uma visão profunda das complexas relações de poder e controle que definem a experiência feminina.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Salvador: NEIM/Ufba. 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

STEEN, Edla Van. **Bolo de nozes**. São Paulo: Hamdan, 1998.